

COLEÇÃO BRASILIANA
(GRANDE FORMATO)

Volume 10

Direção de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

Daniel

Cópias

4d

ROBERTO C. SIMONSEN

HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL

(1500/1820)

Curso professado na

*Escola Livre de Sociologia e Política
de São Paulo*

6.^a edição

SBD-FFLCH-USP



58321

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Valor do ciclo do açúcar

Foi o açúcar que constituiu a base econômica da implantação definitiva do europeu no Brasil.

O que é deveras lamentável é a insuficiência de dados estatísticos sobre o valor real de sua produção e exportação nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Conforme esclarece Balbi⁽¹⁰⁾, havia uma proibição formal de publicações relativas ao comércio e aos lucros portugueses; a apreensão e a destruição da obra de Antonil provam essa asserção. Essa orientação, aliada à desorganização do comércio e à pouca divulgação dos conhecimentos, estudos econômicos (males que até hoje perduram em nosso meio) explicam aquela deficiência.

Com grande esforço tentamos organizar um quadro geral do valor da exportação do açúcar brasileiro entre 1535 e 1822. Para os primeiros anos, controlamos essa exportação pelo número de engenhos que Gandavo, Fernão Cardim, Gabriel Soares, Frei Salvador e alguns outros indicam com bastante precisão. Para as datas posteriores, cingimo-nos a informações esparsas sobre o comércio do açúcar em várias épocas, no Brasil e em Portugal. Para o século XVII, a idade de ouro do produto, ainda são insuficientes, infelizmente, os elementos de controle.

O açúcar que havia caído em 1506 ao preço de 300 réis por arrôba, pouco mais de 2 gramas-ouro, foi de novo subindo até alcançar, em fins do século XVI, preço em ouro 6 vezes maior; e 7 vezes mais, quando atingiu, na primeira metade do século XVII, o período do seu apogeu.

As ilhas portuguesas, que chegaram a produzir mais de 500.000 arrôbas e que tinham grande supremacia em quantidade, preços e qualidades, perderam a favor do Brasil essa predominância em fins do século XVI.

Tudo nos leva a crer que, nas vésperas da invasão holandesa, já devia o Brasil produzir mais de 2 milhões de arrôbas. Mas sendo contraditórias as informações, cingimo-nos, em nossos cálculos, aos números mais baixos, por não haver uma perfeita coordenação entre o número de engenhos e as produções indicadas.

Pôrto Seguro, por exemplo, que é sempre tão preciso em tôdas as suas informações, dá para o ano de 1600 cerca de 120 engenhos. Transcrevemos as suas palavras:

"Tratando da principal produção do Brasil naquela época, a do açúcar, contavam-se em Pernambuco sessenta e seis engenhos; na Bahia trinta e seis, e nas outras capitanias, juntas, metade d'êste número. Total dos engenhos: cento e vinte. Referimos o número

(10) ADRIEN BALBI — *Essai Statistique du Royaume du Portugal et Algarves*, 1821.

dos engenhos porque cremos êste o melhor meio de dar uma idéia do estado de prosperidade e riqueza do país.

Anualmente produziam os ditos engenhos uns setecentos mil quintais de açúcar ou setenta mil caixas, número igual ao dos mil cruzados que pagavam o mesmo açúcar de direito de saída, na razão de cruzado por caixa de dez quintais." (11)

Ora, não nos parece possível, em face das demais informações, que êsses 120 engenhos produzissem as 2.800.000 arrôbas que representam os 700.000 quintais aí referidos (12). Parece-nos também exagerado o peso de 10 quintais de açúcar para cada caixa, quando Antonil e muitos outros autores indicam 35 arrôbas em média. E, de outro lado, pelas informações mais minuciosas que possuímos do Brasil Holandês, verifica-se que nas capitanias por êles ocupadas a exportação do açúcar, devido à paralisação e à destruição de vários engenhos, tinha baixado de 60.000 para 30.000 caixas, após 1630. Lippmann admite a informação de Handelmann que entre 1636 e 1643 só o Brasil Holandês exportou 218.220 caixas ou seja uma média de 1.350.000 arrôbas por ano. A produção daquelas capitanias devia representar cerca de 50% da produção do açúcar do Brasil de então. Parece-nos, no entanto, exagerada a cifra de 4.000.000 de arrôbas indicada por Henri Raffard, antigo diretor do Centro Açucareiro e Comercial do Rio de Janeiro, em seu trabalho, publicado em 1882, para a produção total brasileira em meados do século XVI (13).

Wätjen, em seus estudos sobre o Brasil Holandês, divide o período da ocupação em três fases. Na primeira, 1629-1637, a produção declinou, devido às devastações produzidas pelas guerras; na segunda, de 1638 a 1645, cresceu consideravelmente pela sábia administração de Maurício de Nassau. Na terceira, até 1651, caiu novamente. Atribui, porém, à exportação geral números bem inferiores aos dos demais que apreciaram a matéria. Lippmann alvitra a suposição de ter êsse historiador se limitado aos números relativos a um só dos portos exportadores.

Existem vários outros elementos indicativos: nos últimos tempos do domínio holandês, estudava-se em Portugal, o preparo de uma esquadra para auxiliar a expulsão dos invasores das terras

(11) Pêro Seguro — *História Geral do Brasil*.

(12) LAET registra que os portugueses exportavam todos os anos mais de 40 mil caixas das Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte, o que não seria de admirar, pois que somente Pernambuco contava com mais de 100 engenhos. Informa ainda que os grandes engenhos empregavam 15 a 20 portugueses e 100 negros; os médios de 8 a 10 portugueses e 50 negros e os pequenos de 5 a 6 portugueses e 20 negros. Os grandes engenhos produziam anualmente de 7 a 8 mil arrôbas, os médios de 4 a 5 mil e os pequenos 3.000. (*Histoire Générale des Voyages*, Amsterdã, 1776).

(13) F. L. BURLAMAQUI em sua monografia da cana-de-açúcar, 1862, admitia para 1650 uma produção brasileira de 4 a 5 milhões de arrôbas. Em 1670, alegava, a Alfândega de Lisboa recebeu de 100 a 120.000 caixas de açúcar.

brasileiras. Ouvido a propósito o Padre Antônio Vieira, que se achava em Lisboa, sugeriu este grande sacerdote um plano de mobilização dos recursos para tal fim. Vejamos o seu conselho (14):

"Do Brasil acabava de chegar uma armada extraordinariamente rica, trazendo não menos de 40.000 caixas de açúcar, que tendo sido comprado barato, se estava vendendo caro; ora, um impôsto de um tostão ou de seis vinténs sobre cada arrôba deste açúcar produziria a soma precisa para 15 navios de 30 peças (20.000 cruzados). Ordenou-lhe o rei que pusesse por escrito a sua proposta, e, passados alguns dias, disse-lhe que havia ela sido presente aos seus ministros, que acharam mui cru o negócio. Alguns meses depois, estando Vieira em Caravelas, convalescendo de uma enfermidade, mandou-o el-rei chamar a Alcântara:

— Sois profeta, lhe disse; ontem à noite chegaram da Bahia novas de ter-se Schoppe fortificado em Itaparica. Que faremos? Vieira respondeu:

— Facilmo é o remedio; disseram os vossos ministros que o meu projeto era cru, pois já que o acharam cru, que o cozinhem agora".

Não obstante, anuiu Vieira em procurar recursos para a expulsão dos holandeses e os obteve. A Companhia do Comércio do Brasil, fundada logo após, auxiliou a terminação da campanha. Mas o incidente demonstra que a produção no Brasil era bem superior a 1 milhão de arrôbas, pois que só a tal frota portuguesa transportava 1 milhão e 400 mil, provenientes da zona não ocupada pelo inimigo (15).

Os grandes proventos que os holandeses auferiram do artigo explicavam o seu interesse em conservar o torrão de ouro, de que se tinham apossado. As narrativas da época exaltam o luxo e a riqueza que se ostentavam na Bahia e no Brasil Holandês.

Foi na mesma época que os ingleses, franceses e holandeses resolveram desenvolver a cultura nas Antilhas, tal a importância mundial que assumiu o comércio do açúcar.

O consumo ia crescendo rapidamente; mas as novas culturas aceleraram de tal forma a produção, que dia a dia, no último terço do século XVII, foi se acentuando a baixa de preços, voltando, em princípios do século XVIII, o açúcar às cotações em ouro que vigoravam nas proximidades de 1540 (16). Durante o século XVIII, conservaram-se os preços-ouro mais ou menos estabilizados, caindo novamente no final da centúria.

(14) ROBERT SOUTHEY — *History of Brazil*.

(15) Com a guerra holandesa, os preços do açúcar subiram. Em meados do século XVII, desenvolveu-se a indústria em Campos. O General Salvador Correia de Sá fundou ali um engenho onde se acha a Fazenda do Visconde. Em fins do século XVIII, Campos possuía 300 engenhos com uma exportação de cerca de 50.000 caixas. (GINO CARLI — *O açúcar na economia nacional*).

(16) Essa baixa ocasionou forte crise, dificultando o crédito e o custeio aos senhores-de-engenho. Uma ordem régia, em 1763, estabeleceu "não serem eles executados nas fábricas de seus engenhos, nem nos seus escravos e sim que só se executem nos rendimentos e frutos da fazenda". A mineração agravou sua situação com a falta e encarecimento de braços. Em 1758, as resoluções do Conselho Ultramarino ainda se referem às prorrogações do alvará de 1673.

No primeiro quartel do século XIX, os preços se elevaram, devido à desorganização do trabalho na indústria açucareira nas colônias espanholas e inglesas e às guerras napoleônicas. A queda do câmbio brasileiro, após 1816, ia, ainda, estimular a exportação. O emprego da máquina a vapor, o uso do bagaço de cana como combustível e as novas variedades de canas introduzidas facilitariam o surto açucareiro, verificado no século XIX.

O consumo na Europa cresceu sempre, a partir do século XVII.

Após a vulgarização do chocolate, foi o café, cujo uso se espalhou desde 1650, um dos produtos que mais contribuíram para a expansão do açúcar (17), sabido como é que o consumo de café obriga ao do açúcar em peso pelo menos igual ao daquele.

Valor da exportação colonial

Do quadro e gráficos que organizamos tiram-se conclusões surpreendentes em relação à economia brasileira. Apesar das considerações que justificam a alta produção no século XVII, reduzimos nesses gráficos de 50% os maiores números indicados no quadro, limitando a 2.100.000 arrôbas a máxima exportação.

Considerando ainda que os preços aí registrados são para o melhor açúcar produzido e atendendo-se a várias outras causas de possíveis erros, fizemos para o cômputo de nossas conclusões uma redução geral de 25%. Chegamos, assim mesmo, a um valor, para os três séculos do período colonial, superior a 300 milhões de libras e, para o século XVII, de cerca de 200 milhões de libras, não incluindo o açúcar produzido para o consumo local. Verifica-se, pois, que o ciclo do açúcar produziu em valores, para o Brasil, mais do que o da mineração, que está avaliado em menos de 200 milhões de libras.

O açúcar brasileiro dominou o comércio do produto entre 1600 e 1700, como já registrava Barlaeus na obra que escreveu, em 1660, e numa época em que era o mais importante artigo do escambo marítimo internacional. Não existiam ainda grandes transportes de cereais, combustíveis, artigos manufaturados e metalúrgicos, não havia surgido a revolução industrial.

A devastação das matas com a cultura da cana, corte para lenha e fabrico de caixas foi por tal forma intensa (18) que o governo

(17) G. T. SURFACE — *The Story of Sugar*, 1916.

(18) "O açúcar representava um consumo considerável de madeira e lenha queimada nos engenhos. A situação criada pelas constantes derrubadas originou, além dessa provisão, o alvará de 13 de maio de 1802, confirmando o anterior. Os fogos de engenho se mantinham sempre acesos, durante sete a oito meses em cada ano. Somente em princípios do século XIX é que começou a se propagar o uso do bagaço de cana como combustível, em substituição à lenha. As máquinas a vapor começaram a ser empregadas em 1815 em Pernambuco e na Bahia; este fato, acrescido com o uso do bagaço de cana, facilitou o surto dos engenhos que se verificou com a melhoria de preços e de exportação no século XIX". (GINO CARLI, *O açúcar na economia nacional*).

português, para que não houvesse conflito entre os senhores de engenho, baixou a provisão de 3 de novembro de 1682, fixando em meia légua o afastamento mínimo entre as instalações.

O câmbio português

Para poder apreciar com maior segurança o "quantum" do açúcar exportado, determinados os valores aproximados da libra esterlina inglesa entre 1500 e 1822. Reduzindo todos os seus preços cotados em moeda portuguesa ao péso em gramas de ouro pelo câmbio da época, pudemos avaliar o total da exportação em libras esterlinas. Ao pequeno valor da libra na época atribuímos terem passado despercebidas à maior parte dos críticos de nossa história as avultadas cifras que para o tempo alcançou o comércio do açúcar.

O estudo do gráfico que organizamos, com as linhas da produção do açúcar entre 1535 e 1822; seu custo em ouro pôsto em Lisboa; seu valor em libras esterlinas e com a indicação do câmbio português no período colonial, permite-nos tirar conclusões bastante interessantes.

A influência recíproca entre o comércio de açúcar e o câmbio português é manifesta; para fazer face ao declínio dos preços no final do século XVII, proporcionou o governo português uma compensação para os lavradores com a quebra da moeda. A mineração, tornando o próprio ouro o principal objeto do comércio, no século XVIII, fez com que neste período a linha cambial se conservasse horizontal, não podendo mais o açúcar gozar da defesa pelo câmbio.

O açúcar e a mineração

Coincidiu a grande baixa dos preços verificados no fim do século XVII com o início do ciclo da mineração no Brasil; foi o que salvou Portugal e a sua grande colônia de uma crise de maiores proporções. Não me parece procedente o argumento de que foi a mineração que provocou a grande crise açucareira. Esta foi causada pela política colonial das grandes nações européias, traçada por Colbert, na França, e por Cromwell, na Inglaterra, exatamente em meados deste século. A preferência colonial tomou tais perspectivas que Portugal se viu forçado a proibir a entrada no reino das sêdas francesas, em represália à proibição da entrada do açúcar brasileiro em França. Coincidiram a baixa de preços e os óbices políticos oposto à exportação, com o início da mineração. Deu-se, assim,

o êxodo de capitais e de escravos para as minas do Brasil central, agravando isso a crise da indústria que a política comercial dos povos europeus havia tornado inevitável.

Depois de um progresso relativamente moderado, no século XVIII, aumentou enormemente o consumo do açúcar no século XIX, com a revolução industrial.

Horácio Say

Horácio Say, a quem também devemos o admirável livro sobre *Histoire des Relations Commerciales entre la France et le Brésil*, com preciosas informações sobre o primeiro período de nossa independência, assim discorre sobre o açúcar, no *Dicionário de Economia Política*, em 1850:

"O açúcar é talvez de todos os gêneros e artigos aquele que desde o começo deste século mais tem ocupado os funcionários e os homens de Estado. É um alimento precioso, um condimento agradável, nutritivo por si mesmo, que se junta a muitas outras substâncias alimentícias. O açúcar, usa-se na saúde como na doença, tanto na infância como na idade madura e velhice. Os progressos nos meios industriais e no comércio permitem que o encontrem de agora em diante a bons preços. Assim, o consumo se desenvolveu por toda a parte em vastas proporções. Resulta daí que aos olhos dos funcionários divide com o sal o mérito de ser uma matéria essencialmente taxável; palavras sacramentais que significam que a procura é bastante e o preço de venda bem moderado para que se possa fixar, sem levantar reclamações, um imposto entre a produção e o consumo para dêle se tirar grandes resultados." Mostra, a seguir Horácio Say que o consumo de açúcar na Inglaterra elevou-se de 96.500 toneladas em 1793 para 307.000 em 1849, mais de 300% — enquanto que, na França, se elevou de 40%." (19)

O açúcar e a mão-de-obra

O consumo do chá, do café e do chocolate estimulou o aumento da procura do produto. No começo do século XIX foi descoberta por Margraf a possibilidade de se extrair açúcar da beterraba. O bloqueio continental levou Napoleão a fomentar a nova cultura

(19) *Consumo de açúcar.* — LEPPMANN faz salientar o crescente consumo do açúcar e do sal que foi havendo na Europa com a evolução do sistema alimentar. À medida que a base da alimentação deixou de ser quase que exclusivamente a carne, e que passaram a consumir vegetais e outros produtos, houve a necessidade fisiológica do uso de açúcar e do sal, como complementos e corretivos indispensáveis.

A obra do prof. EDMUND O. VON LEPPMANN, *História do açúcar*, editada na Alemanha, é um dos estudos mais notáveis até hoje feitos sobre o assunto.

em grande escala, datando daí o crescimento da produção desse artigo que chegou a ultrapassar, entre 1890 e 1906, o açúcar de cana. Após a guerra de 1914, êste readquiriu novamente a sua preponderância.

Durante o século XIX, a baixa do câmbio brasileiro e fatores ligados à política escravocrata permitiram que o Brasil exportasse novamente quantidades consideráveis até que por circunstâncias que teremos oportunidade de examinar na história da economia contemporânea, fecharam-se praticamente para nós os mercados exteriores.

O que fica dito, é, porém, suficiente para demonstrar o papel decisivo que desempenhou o açúcar na fixação do europeu no Brasil e na formação de nossos primeiros capitais. Foi êle quem gerou os grandes problemas de mão-de-obra, cuja solução imprimiu feição característica ao desbravamento das terras brasileiras, com as variadas conseqüências que já estão constituindo o objeto dos estudos e da atenção dos nossos sociólogos.

Ocupação Holandesa

O quadro econômico do açúcar explica a avidez com que a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais procurou apossar-se da parte mais rica do Brasil. As cinco capitâneas que ocupou, de 1630 a 1650, Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte, eram as suas grandes produtoras (20).

Apesar da destruição de várias fazendas e engenhos e das dificuldades da mão-de-obra e de lutas constantes com os antigos donos da terra, já em 1639 conseguiram os novos ocupantes exportar 33.000 caixas, mais de 600.000 arrôbas.

Warden informa que nessa época o Brasil deu grandes vantagens à Companhia Holandesa. Como rendas de 1639, indica:

Dízimos do açúcar e direitos sobre víveres....	350.000 francos
Direitos sobre mercadorias holandesas.....	400.000 "
Direitos sobre o açúcar introduzido na Holanda	300.000 "
Renda de engenhos, capitais e escravos.....	2.400.000 "
TOTAL.....	3.450.000 "

ou seja £ 140.000, mais de 31.000 contos em poder aquisitivo de hoje.

(20) LIPPMAAN acentua que desde 1694 os holandeses começaram a se interessar pelo Brasil. Em 1608, um relatório de USELIX já esclarecia que não eram o ouro e a prata os valores da colônia, mas sim, o pau-brasil, matérias-primas e, principalmente, o açúcar. Durante o armistício hispano-holandês, entre 1608 e 1621, dez a quinze navios holandeses se ocupavam, anualmente, com o comércio do pau-brasil e açúcar.

Handelmann estimou em £ 140.000 a receita anual em 1644. Mas isso sem contar com a extraordinária receita proveniente da venda dos bens particulares confiscados por abandono dos proprietários.

Agenor de Roure calculou que subiram a £ 360.000, no tempo de Nassau, as rendas públicas, incluindo o produto dos engenhos vendidos por abandono.

Esses números estariam, talvez, abaixo da realidade.

Numa brochura aparecida em Amsterdã, em 1639, em grande parte transcrita por Netscher (21) e que parece ter sido redigida por um conhecedor da situação, estão indicadas as seguintes rendas prováveis da companhia no Brasil, sem computar as presas de guerra em terra e mar:

Dízimos sobre o açúcar e mais os direitos de 20 % sobre uma produção total de 33.000 caixas de 20 arrôbas (9.000 caixas a 240 fl.).....	2.160.000 fl.(22)
Fretes e direitos de inspeção sobre as 24.000 caixas pertencentes a particulares.....	1.440.000 fl.
Contribuições sobre o tabaco, sal, pau-brasil e outras exportações.....	400.000 fl.
Lucros sobre 5.000 escravos, adquiridos em Angola a 30 fl. e vendidos entre 300 e 500 fl. por cabeça	150.000 fl.
Vendas dos engenhos confiscados, terrenos para culturas e construções.....	500.000 fl.
Contratos de vinho, cervejas, farinhas, gado, balanças, passagens, pontes, etc.....	200.000 fl.
Direitos de inspeção, fretes e avarias sobre o consumo e transporte de vinhos espanhóis.....	252.000 fl.
Idem s/ vinhos franceses.....	258.000 fl.
Idem s/ azeite.....	46.500 fl.
Idem s/ cervejas.....	43.500 fl.
Idem s/ vinagres, peixes salgados, etc.....	27.000 fl.
Idem s/ sebos e couros.....	22.400 fl.
Idem s/ farinhas, biscoitos, manteiga, óleos de linaça e de baleia, especiarias, etc.....	450.000 fl.
Idem s/ panos, lãs, sedas, cobre, ferro, aço, estanho, pranchas, etc.....	477.850 fl.
	6.427.250 fl.

ou seja 1.285:450\$000 ou cerca de £ 600.000.

Este algarismos, por sua vez, parecem-nos bastante majorados. Dêles ressalta que os rendimentos diretamente ligados à indústria representavam mais de 60% do total.

Não é exagerado, porém, que se compute em mais de £15.000.000 o valor do açúcar distraído para os Países Baixos durante a ocupação

(21) P. M. NETSCHER — *Les Hollandais au Brésil*, 1853.

(22) Na base de 12 florins por arrôba, o preço corresponderia a 2\$400 em moeda portuguesa do tempo.

holandesa, o qual, com outros artigos da terra, representaria cêrca de £ 20.000.000 desviados do comércio português!

Os relatórios da Companhia Holandesa, entre os quais estão publicados os de Joanes de Laet, elucidam os lucros da Companhia e os enormes prejuízos infligidos às Coroas de Portugal e Espanha.

Só entre 1623 e 1636 foram tomados ou incendiados 547 barcos espanhóis e portugueses, que, com as cargas que conduziam, e mais prejuízos causados, elevaram a mais de 100.000.000 de florins as perdas dos ibéricos⁽²³⁾ ou seja cêrca de £ 9.000.000 nesses 13 anos: acima de dois milhões de contos de réis em poder aquisitivo de hoje⁽²⁴⁾.

Esses números explicam também o fausto que existia em Pernambuco e as prodigalidades de Nassau.

Lutando os holandeses com falta de colonos, pois não vingaram as tentativas que fizeram para atrair imigrantes alemães (Handelmann), resolveram estimular a volta dos portugueses, proporcionando-lhes créditos e outras facilidades para incentivar a produção açucareira.

A cobrança desses débitos, promovida após a retirada de Nassau (1644), agravada pelo declínio dos preços do açúcar, auxiliou a revolta dos antigos ocupantes contra o domínio holandês.

Apesar das vitórias conseguidas no Brasil, anuiu Portugal, para a assinatura da paz definitiva, em pagar à Holanda uma indenização de 4.000.000 de cruzados, cêrca de £ 600.000 em dinheiro, açúcar, tabaco, e sal, tal o empenho que havia de pôr cõbra à situação! Para essa indenização concorreu o Brasil com 1.920.000 cruzados, pagos em 16 anos, à razão de 120.000 cruzados por ano.

Conseqüências econômicas e financeiras

Compreende-se hoje, do exame desses algarismos, as conseqüências econômicas e sociais do ciclo do açúcar.

Fizeram-se, a partir do fim do século XVI, rápidas fortunas e um luxo descomedido passou a imperar nas capitânicas do Norte. Todos os antigos historiadores são fartos nessas narrativas. Não fõssem a subordinação à Espanha, as guerras em que se viu envolvido e outras circunstâncias que já apontamos, bem maiores teriam sido os proveitos de Portugal em tal fase de sua economia.

(23) *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XII.

(24) Terminado o armistício com a Holanda esta logo fundou a Companhia das Índias Ocidentais e, em 1624, atacava a Bahia, onde se apesou de 3.900 caixas de açúcar e fez grande devastação. O período de apresamentos marítimos culminou em 1628 com a tomada da frota de prata espanhola, que entre esta carga e o açúcar conduzia valôres montando a 15.000.000 de florins, cêrca de £ 1.400.000! Isto forneceu fartos recursos para preparar a grande expedição contra Pernambuco.

Em 1600 seriam 100.000 os habitantes do Brasil, dos quais 30.000 da raça branca. Em 1700 a população de colonos é homens livres não deveria exceder de 200.000. Nunca teve o país uma tão grande produção e exportação "per capita"!

Desde princípios do século XVII salientam todos os cronistas e viajantes o número relativamente grande de colonos abastados no Norte, em contraposição com a pobreza acentuada do Sul. É que aqui não se podia desenvolver a indústria açucareira em condições favoráveis para a exportação, tal como nos massapés do Norte, regiões ainda muito mais próximas dos centros consumidores, em tempo em que a navegação se processava em tão difíceis condições. Daí o relativo isolamento em que evolua a Capitania de São Vicente, enquanto que aos portos do Norte afluíam, anualmente, centenas de embarcações, que se empregavam no tráfico do açúcar, escravos, pau-brasil e outros artigos.

A história registra, também, os excessos a que se entregavam os ricos do Norte, empenhando-se em avultadas dívidas com os mercadores de Lisboa, na ambição de aumentarem sempre "as suas fazendas" ou na orgia de despesas improdutivas. De forma que uma baixa no mercado de açúcar acarretava, já naquela época, as conseqüências que são bem conhecidas de todos os lavradores que não tenham agido, nos tempos favoráveis, com a necessária prudência.

Não é exagerado calcularem-se em 25% sobre a exportação do açúcar, as rendas diretas e indiretas, auferidas pela Coroa portuguesa. Foi no império do açúcar que Portugal se apoiou no século XVII; no ouro e no açúcar do Brasil foi buscar, no século XVIII, os seus principais proventos. Havia terminado o período deficitário da Terra de Santa Cruz, que, desde então, e por duzentos anos, ia proporcionar fortes saldos à Metrópole portuguesa. Mas o ciclo do açúcar só foi possível com a solução do problema da mão-de-obra, cujo estudo será objeto do capítulo imediato.

Vocabulário Açucareiro de Antonil

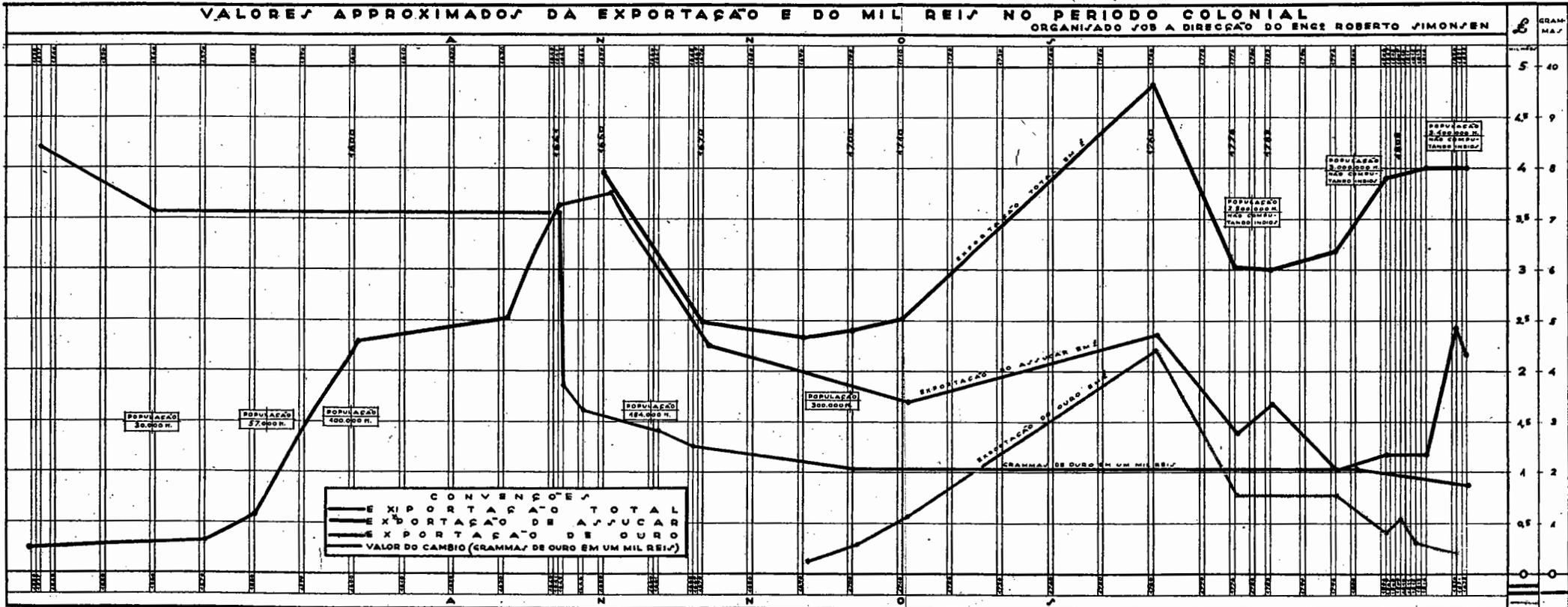
TEODORO CABRAL — Da Revista *Brasil Açucareiro* n.º 4, ano III, junho de 1935.

AÇÚCAR BRANCO. — Diz Antonil que "o branco toma este nome da cor que tem". E enumera os seguintes tipos: o *fino* é o mais alvo, mais fechado e de maior peso, é o que ordinariamente dá a primeira parte da forma; o *redondo* é algum tanto menos alvo e menos fechado; o *baixo* é ainda mais menos alvo e

quase trigueiro na cor; o *branco batido* é feito de mel que escorre das formas, cozido e batido outra vez. **AÇÚCAR DE CARA FECHADA** — é o que, solidificando-se na forma, endurece e dificilmente se quebra. **AÇÚCAR DE CARA QUEBRADA** — é o que, solidificando-se na forma, fica quebradiço.

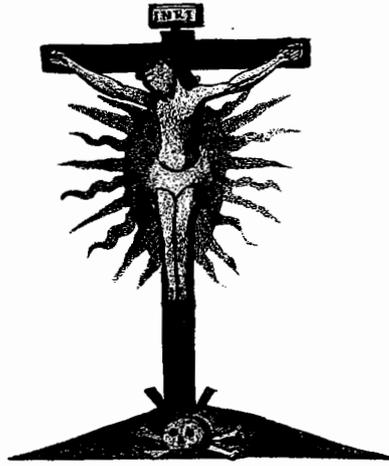
VALORES APPROXIMADOS DA EXPORTAÇÃO E DO MIL REIS NO PERÍODO COLONIAL

ORGANIZADO SOB A DIREÇÃO DO ENGE ROBERTO JIMONSEN



Gráficos da exportação total aproximada na era colonial, dos valores do açúcar e da mineração no mesmo período. Linha mostrando a desvalorização do real português entre 1550 e 1822. Na fase áurea do açúcar, em que Portugal estava também ligado à Espanha, enriquecida com o afluxo dos metais preciosos, o câmbio português conservou-se praticamente estável. No período da restauração, coincidindo com a queda do valor do açúcar exportado, o câmbio declinou bruscamente, estabilizando-se após, em todo o período da mineração. No mesmo quadro acham-se as indicações conhecidas referentes à população do Brasil entre 1530 e 1820.

Historia do Brazil



Frei Vicente do Salvador



EDIÇÃO E INTRODUÇÃO *Maria Lêda Oliveira*

A Historia do Brazil de Frei Vicente do Salvador

HISTÓRIA E POLÍTICA NO IMPÉRIO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII

Daniel

3 cópias

47



CLARIVAL
PRÊMIO DO PRADO
VALLADARES

ODEBRECHT

SBD-FFLCH-USP



326305

CAP. XLVII. Da nova invenção de engenhos de asucar que neste tempo se fêz.

Como o tracto, e negocio principal do Brazil he de asucar em nenhũa couza se occupão os engenhos, e habelidades dos homêns tanto como em inventar artificios com *que* o fassão, e por ventura por isso lhe chamão engenhos. Lembra-me haver lido em hum livro antigo das propriedades das couzas, que antigamente se nam vzava de outro artefício maiz, que picar, ou golpear as canas com hũa faca, e o licor, *que* pellos golpes corria, e se coalhava // ao sol este era o asucar, e tam pouco, *que* só se dava por mezinha, depois se enventarão muitos artificios, e engenhos *pera* se fazer em mór quantidade, dos quais todos se vzou no Brazil como forão os dos pilões, de móz, e os de eixos, e estes vltimos forão os maiz vzados, *que* erão dous eixos postos hum sobre o outro, movidos com hũa roda de agoa, ou de boys, *que* andava com hũa muito campeira chamada bolandeira a qual ganhando vento movia, e fazia andar outras quatro e os eixos em *que* a cana se mohia; e alem desta maquina havia outra de duas, ou tres gangorras de paos compridos, mais grossos, *que* toneis com *que* aquella cana depois de mohida nos eixos se exprimia, *pera* o *que* tudo, e *pera* as fornalhas em *que* o caldo se coze, e encorpora o asucar era necessario hũa caza de cento, e sincoenta palmos de comprido, e sincoenta de largo, e era muito tempo, e dinheiro, o que na fabrica della, e do engenho se gastava.

[fl. 155v.]

¶ Vltimamente governando esta terra Dom Diogo de Menezes veyo a ella hum clerigo espanhol das partes do Perú, o qual encinou outro mais facil, e de menos fabrica, e custo, *que* he o *que* hoje se vza, *que* he somente tres paos postos de por alto muito justos, dos quais o do meyo com hũa roda de agoa, ou com hũa almanjarra de boys, ou cavallos se move, e fas mover os outros; E passada a canna por elles duas vezes larga todo o summo sem ter necessidade de gangorras, nem de outra couza, mais *que* cozer-se nas caldeiras, que são sinco em cada engenho, e leva cada hũa duas pipas, pouco maiz, ou menos de mel, alem de hũns tachos grandes, em que se poem em ponto de asucar, e se deita em formas de barro no tendal donde as levão à caza de prugar, *que* he mui grande, e postas em andainas lhes lansão hum bolo de barro batido na boca, e depois, daquelle outro, com *que* o asucar se purga, e fas alvissimo o *que* se fes por experiencia de hũa galinha, *que* asertou de saltar sobre hũa forma com os pés cheyos de barro, e ficando todo // o mais asucar pardo virão so o lugar da pégada ficou branco.

[fl. 156]

Por serem estes engenhos dos tres paos, a *que* chamão entozas de menos fabrica e custo, se desfizerao as outras machinas, e fizerão todos desta invenção, e outros muitos de novo, pelo *que* no Rio de Ianeiro onde athe aquelle tempo se tratava maiz de fazer farinha *pera* Angolla; *que* asucar, agora há já quarenta engenhos. Na Bahia sincoenta, em Pernambuco cento; em Tamaraca dezoito ou vinte, e na Paraybba outros tantos, mas *que* aproveita fazer-se tanto asucar se a copia lhe tira o vallor, e dão tam pouco preço por elle que nem o custo se tira

A figura das entozas, e engenhos de asucar, *que* agora se vzão assim de agoa, como de Boys he a seguinte³⁰

// Neste mesmo tempo, *que* governava a Bahia Dom Diogo de menezes, entrou nella por fazer muita agoa hũa nau da India da qual era Capitão Antonio Barrozo vindo primeiro em hum batel a remos o mestre, *que* havia [sic] hido no galeão o anno passado chamado Antonio Fernandez o mao a pedir soccorro, porque vinha a nau por tres partes arochada, e já com quatorze palmos de agoa dentro, e o governador mandou logo duas caravellas com Pilotos praticos, *que* a trouxessem ao porto, o *que* não bastou *pera* *que* com a corrente da Marè, *que* vazava, não se encostasse

[fl. 156v.]

³⁰ Segue-se espaço deixado em branco para a figura.

em hũa baixa onde por evitar mayor danno lhe cortarão os mastos, e descarregarão com *muita brevidade*, e depois, *que* de todo esteve descarregada vendo, *que* não tinha conserto lhe mandou Dom Diogo pór o fogo chegando *quanto* puderão a terra *pera* se aproveitar a pregadura, como se aproveitou *muita*, a fazenda se entregou ao Provedor-mor que então era o Dezembargador Pero de Cascaes, o qual sobre isso foy mandado do Reyno, *que* fosse prezo, como foy, e peleijando no Mar com hum cossario o ferirão em hum pé de que ficou manco, mas no que toca à fazenda livrou-se bem, a qual mandou El-Rey cá buscar em sete naos da armada por Feliciano coelho de carvalho capitão-mor, *que* havia sido, da Parayba, e a levou a salvamento. //